

Resumo

Este trabalho foi elaborado por imperativos de âmbito universitário, concernentes à cadeira de Lexicologia. Faz-se acompanhar de um conjunto de noventa e duas fichas, referentes aos vocábulos levantados. Nelas se indicam: a data e o local de recolha, um código específico e uma frase contextual. As vedetas são descritas através de sinónimos ou sintagmas sinonímicos. As fichas mencionadas serão posteriormente apresentadas num estudo de perspetivas mais amplas, a publicar.

Abstract

This work was elaborated by imperatives of university scope, concerning the subject of Lexicology. It was accompanied by a set of ninety-two files, referring to the collected vocables. In them, the date and place of collection, a specific code were indicated and a contextual phrase. The vedette vocables were described by synonyms or synonymic phrases. The mentioned files will later be presented, in a work with wider perspectives, to be published.

Introdução¹

Preside à análise a intenção de dar conta, através de um levantamento feito "in loco" que não se pretende exaustivo, dos aspetos que se impuseram mais pertinentes, no que respeita a riqueza formal e semântica da língua da nossa região. Parafraçando Robert Galisson, diremos que os regionalismos, e em geral a língua popular, estão votados ao ostracismo. Uma política de centralização cultural,

¹ Este texto foi publicado em 1990 no nº 9-11 de *Preservação*, do boletim informativo do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica / Associação de Estudos do Alto Tejo.

pactuada pelos lexicógrafos, remete para um gueto todo este património vocabular, pleno de criatividade e impregnado de traços culturais inalienáveis.

As unidades lexicais novas surgem de um convívio de espontâneo coletivismo. Necessidades prementes de comunicação, um inventário reduzido de vocábulos, fruto do isolamento relativamente aos grandes centros académicos, um fraco grau de instrução, um folclore específico, a manutenção da língua e dos hábitos e modos de vida muito antigos, o espírito gregário, a emigração sazonal, o trabalho exaustivo, o apego às origens e o relacionamento com a natureza - todos estes factores e decerto muitos outros que lhes são intrínsecos obrigam o utente da língua regional a criar, com os meios que tem à sua disposição, os novos vocábulos que lhes permitirão a comunhão comunicativa.

Criando formas e sentidos a partir dos já existentes, o homem das nossas regiões fuge também à uniformidade do padrão cultural difundido pelos mass media, que ameaça de asfixia o vasto e diversificado património das pequenas comunidades rurais. Através destas novas unidades lexicais, a língua veicula semas antigos e simultaneamente evolui, absorvendo na sua rede novas noções que reescrevem a alma de um povo no seu devir. Os neologismos semânticos e formais formam-se a partir da polissemização de vocábulos, de um jogo entre significantes e significados, de deformações morfossintáticas, de metáforas e eufemismos a que se juntam onomatopeias. Na incompletude das frases, que na sua parte final se convertem à não-forma e ausência fónica, sentimos a dificuldade vocabular ou, talvez, um código do silêncio, perfeitamente descodificável pelos utentes irmanados na mesma linguagem.

De todo o potencial lexical heterogéneo, que caracteriza esta zona de passagem (região sul da Beira Interior), privilegiámos o campo nocional referente à medicina popular. Não que outros campos não merecessem a nossa atenção, e que não os tivéssemos abordado ao longo da nossa crivagem, mas porque esta área temática responde, de forma mais completa, à meta que nos foi proposta. A medicina popular é irradiante de novos vocábulos e lexemas, marginalizados ou esquecidos

pelos autores de dicionários, sejam eles de língua corrente ou popular. Não se poderia avançar nesta análise e descrição linguística, sem tecer aqui algumas considerações, que parecem oportunas, e aventar informações para uma melhor explanação e compreensão dos nossos propósitos. Sabendo que não existem compartimentos estanques entre forma e conteúdo, e que muitos dicionários pecam por omitirem, na definição lexicográfica da unidade lexical, alguns dos seus semas culturais inerentes ou contextuais, não devemos nós isentar este trabalho de algumas considerações gerais adjuvantes, que contribuirão para completar o significado específico das unidades a abordar no seu *corpus*.

Por isso, e sem pretendermos falsear ou eximir-nos do assunto condutor, lembramos que a luta contra a doença e a morte, que vem dos tempos *ab initius*, era assumida e vivida socialmente. Os métodos, esses foram-se sofisticando, mas os tratamentos rituais e naturais resistiram à evolução: a utilização da pedra-lousinha aquecida para as dores do corpo, as folhas de esteva para as picadas das abelhas, pedras-alguerelas para extrair corpos estranhos dos olhos e múltiplas mezinhas para minimizar as dores continuam perenes e magicamente eficazes nas tradições do povo. Se alterações houve nos elementos com que a mulher, qual alquimista primordial, prepara os unguentos e poções, elas são pouco significativas: o mel é substituído pelo açúcar e a aguardente pelo álcool. Tudo neste universo é subjetivo e só a prática diária e o cripto conhecimento permitem quantificar as posologias prescritas pela farmácia caseira.

Paralelamente a esta autossuficiência terapêutica, de métodos múltiplos e sempre relacionados com o meio envolvente (social, humano e vegetal), deparamos com um léxico heterogéneo que chega a variar de família para família. Novas unidades lexicais e significantes surgem fluentemente. Lexias simples, compostas e complexas irrompem espontaneamente, produto de uma facilidade metafórica surpreendente que procura na natureza as suas analogias. E quando a imaginação se mostra insuficiente, o utente da língua regional deforma as palavras, morfológica e foneticamente, reiterando a necessidade vital de criar neologismos que são verdadeiros motores do enriquecimento e evolução linguísticos.

Corpus

Não poderíamos prosseguir a análise sem deixarmos, neste momento do percurso, um sentido agradecimento aos elementos do NRIA - Núcleo Regional de Investigação Arqueológica/Associação de Estudos do Alto Tejo -, verdadeiros andarilhos e pesquisadores das diversas facetas da cultura (medicina popular, agricultura, contos, vocabulário e expressões, jogos e brincadeiras infantis, poesia, práticas religiosas e outros aspetos do folclore popular), que desde 1986 procedem ao levantamento e recolha de vocábulos nas diversas temáticas, a sul da Beira Interior. Com eles palmilhamos alguns dos caminhos onde o trabalho teve maior incidência: concelhos de Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova. Uma nota de especial apreço para o seu coordenador e amigo Francisco Henriques, que pôs à nossa disposição todo o material existente e se prontificou a conosco colaborar, sempre que o solicitámos.

Deste imenso património vocabular, recolhido quase exclusivamente por via oral - seria impraticável referir exaustivamente os informantes -, consultámos um número superior a três mil vocábulos e expressões, que pouco a pouco fomos triando por imperativos temáticos. Consultámos também as obras:

- Belo, José Antunes - Benquerenças no Espaço e no Tempo - Castelo Branco 1985, edição do autor;
- Henriques, F. e J. Caninas - Contos Populares dos Cortelhões e Plingacheiros - Preservação n° 8, V.V.Ródão 1988, p.79;
- Henriques, J. Caninas - Medicina e Farmácia Popular dos Cortelhões e Plingacheiros – inédito;
- Martins, Manuel Alfredo de Morais - Malpica do Tejo, Terra Pobre, Povo Nobre - Lisboa 1986, p.454, edição IS CSP;
- Oliveira, Acácio C. - Sarzedas e o seu Termo, Aspetos Geográficos, Históricos e Etnográficos - Castelo Branco, sem data, p.399.

Selecionado um primeiro corpus lexical, amálgama ainda desorganizada, lançámo-nos numa segunda crivagem através dos dicionários, na esperança de encontrar neologismos. Muitas unidades se perderam pelo caminho: algumas porque já tinham transitado do discurso para os dicionários da língua corrente e regional, outras por opinarmos que as alterações morfofonológicas sofridas não eram significativas para lhes conferir o estatuto de neologismos, já que encontrámos em alguns dicionários formas similares. Tudo o que restou foi um conjunto de 92 vocábulos que não têm lugar em qualquer dicionário, fruto de defeituosos e raros levantamentos que nesta região, e também a nível nacional, têm sido levados a cabo. Por isso, a classificação da neologia destes vocábulos manifesta-se inicialmente polémica. Se o levantamento foi feito entre 1986 e 1990 e esses vocábulos ainda não estão fixados nas páginas dos dicionários, se tantos outros dos que crivámos já aí se encontram, porque não dar aos ausentes a terminologia de neologismos?

Estamos convictos de que, de facto, eles são falsos neologismos, que há muito deixaram o discurso em que individual e espontaneamente tiveram origem e se alargaram aos outros elementos da comunidade, dirigindo-se lentamente para a língua regional. Se não estão presentes nos dicionários consultados é talvez por carência de levantamentos, desinteresse por parte dos lexicógrafos, marginalização da cultura popular. Estas unidades do léxico habitam há muito a nossa memória coletiva, identificando e caracterizando com as suas conotações sémicas e simbólicas a língua e os indivíduos da mesma comunidade.

O nosso contributo não será pois o da inovação neológica, passe o pleonasma, mas o de referir e descrever unidades lexicais que os dicionários ainda não comportam, e colmatar desse modo, ainda que modestamente, essa lacuna. Optámos pelo critério de referir, doravante, no nosso registo o termo “neologismo” entre aspas para acentuarmos a sua pseudonatureza. Na verdade, quando dizemos “neologismos” pretendemos abranger novas unidades lexicográficas que deveriam, em nosso entender, figurar nos dicionários. O corpus de exclusão, *vademecum* que nos serviu de filtro, é o seguinte:

- Delgado, Manuel Joaquim - A Linguagem Popular do Baixo Alentejo e o Dialeto Barranquenho (estudo etnolinguístico), - 28 edição, Beja 1983, edição da Assembleia Distrital de Beja, p.439;
- Figueiredo, Cândido - Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa, Livraria Bertrand, 138 edição, Amadora 1981, p.1463;
- Simões, Guilherme Augusto - Dicionário de Expressões Populares Portuguesas - Perspetivas e Realidades, Lisboa, sem data, p. 436;
- Wingate, Peter - Dicionário de Medicina - Lisboa 1977, Publicações D. Quixote, p. 795;
- Dicionário da Língua Portuguesa – 5ªEdição, Porto, sem data, Porto Editora. p. 1556;
- Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 2 volumes, Lisboa1985, Círculo de Leitores.

Listagem por ordem alfabética dos “neologismos”

Resta-nos, antes de procedermos à análise dos processos de formação mais frequentes destas lexias e de outros aspetos morfossemânticos mais salientes, inventariar, por ordem alfabética, o corpus eleito:

A: Acolher; Amor de Deus; Afogar; Arrotos-chocos; Agreiro; Atramoujado; Amadurar; Azeite virgem.

B: Baloca; Bojação; Becêlho.

C: Cabeça del rei; Cabrita; Cabulo; Cagarrilha; Caldo farinha; Carmelita; Carneiro; Carpela; Cascarrão; Catarina; Cornicão; Cú de galinha; Cuspinho.

D: Desinsofrido; Dores-tortas.

E: Enraivada; Enlodada; Enxovalhar; Erva do cadeado; Erva cagona; Erva do desinchaço; Estalar; Estar no mês; Estravaliar.

F: Favaca; Favaca de cobre; Fel da terra.

I: Intertinho.

L: Lanceiro; Leite de figueira; Lenho; Lola; Loureiro-rosa.

M: Marchunco; Marzapó; Marrocho; Marrolho; Mel rosado; Montão; Morcelas.

N: Nefca; Negra

O: Odioso; Ogar.

P: Pá das mãos; Papa santa; Passareta; Pedra alquerela; Pedra lousinha; Pelarancha; Pelharanca; Peneriz; Pic-pic; Pó; Postela.

Q: Quebrunco.

R: Rabo de gato; Reinoso; Ralhar; Rosa de Albardeira; Ranheta.

S: Sanoco; Sentimental das ideias; São Roberto; Serventia; Sarradoiro; Suga-mel; Sarruda.

T: Taloca; Tordesco; Tanxai; Tosse de cão; Taramouco; Tremedalho; Tertulhos; Tressorelho; Tocar; Troco; Tomatelhos; Trícia.

U: Unto sem sal.

V: Vida; Violeta brava.

Análise dos “neologismos”

A língua está em constante evolução e sempre condicionada por fatores extra linguísticos. A unidade lexical aceita polissemias em discurso que proliferam e enriquecem os vários vocábulos. Surgem novos processos de formação e novos conceitos que vão explorar e alterar as regras que a língua põe à sua disposição, obrigando-a a reformular-se e evoluir. Este grau de evolução é variável. Nas terminologias, a evolução faz-se ao ritmo da sofisticação das técnicas e das ciências, e os prefixóides, sufixóides e lexias complexas abundam, fruto de necessidades tecnológicas que exigem novos vocábulos abrangentes das suas novas realidades. Na língua corrente, e especificamente ao nível regional, a evolução é mais lenta e espontânea. Os neologismos formais surgem na maioria por deformações fonomorfológicas: “coágulo” sofre uma síncope e dá origem a “cagulo”; por sua vez fatias desta área sul da Beira Interior vão labializar o fonema (g) em (b) e metamorfosear o vocábulo em “cabulo”. Hoje mantém-se ainda a coabitação destas duas formas consoante a vila, a aldeia ou até mesmo a família. O mesmo aconteceu com “taloca” que deriva de “toca” por um fenómeno de adição (epêntese) e que em certas zonas se sonoriza em “baloca”. Processos de redução são também frequentes, por comodidade e facilidade expressiva: icterícia>trícia; dissimilações frequentes como aguar >ogar; aproximações fónicas, deformadas por incapacidade e maior facilidade de proferir vocábulos mais eruditos: panarício>peneriz; substituição das últimas unidades do enunciado por sonoridades impercetíveis de que as gravações efetuadas pelo Núcleo nos dão conta; utilização de formas verbais cujo sentido é totalmente oposto ao que o sujeito enunciador pretende exprimir: “venha” em vez de “vá” - são estas as primeiras referências detetadas a nível da criação de “neologismos” formais. Mas não se ficam por aqui os processos de formação de novos vocábulos que vão conferir à língua desta região um estatuto original.

Tentámos reagrupar o corpus selecionado, segundo os seus processos de formação, e concluímos que a nível formal a sufixação é o processo mais recorrente e produtivo: cabrita, cagarrilha, cascarrão, montão, favaca, tremedalho,

tressorelho, tordesco e tantos mais originam a maior parte das nossas lexias simples. Os sufixos são heterogêneos e nem sempre mudam a categoria gramatical do vocábulo. Alteram-lhe, no entanto, a sua significação, através de processos metafóricos, de analogias entre plantas, animais e seres humanos, donde resultam neologismos semânticos: cabrita, cagarrilha, cornicão.

A prefixação revelou-se na nossa pesquisa menos produtiva, e poucos foram os “neologismos” encontrados que se incluem neste processo, exceção feita a “acolher” e “intertinho”, que contrariam esta tendência. Apesar dos prefixos terem um estatuto autónomo e se colarem facilmente a outros formantes, a língua da nossa região nega essa ilação e adota como formante preferencial o sufixo, violando processos habituais.

A parassíntese situa-se logo a seguir à prefixação, englobando vários “neologismos”: “amadurar”, “atramoujado”, “enraivada”, “enlodada”, “desinsufrido”. A frequência de utilização dos prefixos “a” e “em” e dos sufixos “ado” e “ada” na formação das suas unidades lexicais, permitem-nos classificá-los de prefixóides e sufixóides. A amálgama de dois prefixos negativos com intenção afirmativa é habitual nestes níveis de língua: “desinsufrido”.

Os processos morfossintáticos possuem a característica de provocarem, repentinamente e de forma simultânea, neologismos formais e semânticos.

Funcionam, pois, como charneira entre uns e outros, impedindo-nos de os referenciar de forma separada. Por isso, à medida que falarmos da forma aproveitaremos para lhe adicionar o conteúdo.

Na língua regional como na corrente, as lexias complexas mais frequentes, formadas através de processos morfossintáticos, são as do tipo substantivo + adjetivo - “arrotos-chocos”, “azeite virgem”, “dores-tortas”, “erva cagona”, “loureiro-rosa”. Nestas lexias o substantivo contém a maior parte da significação, servindo o adjetivo para o descrever. Sentimo-nos renitentes, uma vez que a recolha foi essencialmente oral, na utilização do hífen. Adotámos o critério de só

esporadicamente o utilizar em lexias de fraca coesão e de menor utilização na linguagem oral.

As lexias complexas na língua popular nunca são demasiado extensas, deixando essa característica para as terminologias sedentas de coesão, univocidade e monorreferência. Deparamos assim com unidades que não vão além de três elementos: substantivo + preposição + substantivo - “leite de figueira”, “favaca de cobre” e “amor de deus”. A variante, substantivo + preposição contraída + substantivo é frequente - “erva do desinchaço”, “erva do cadeado”, “cabeça del rei”. Excepcionalmente, surgem verbos ou formas verbais no início da lexia, reivindicando para si o máximo de significação e remetendo para os outros membros o papel de definirem o conceito para o qual o verbo aponta - “estar no mês”. Lexias do tipo - adjetivo + substantivo - “São Roberto” - e adjetivo + preposição contraída + substantivo - “sentimental das ideias” - denotam bem a liberdade e imaginação criadora destas comunidades, capazes de fugir às regras estabelecidas pela língua.

Todas as figuras de retórica têm potencialidades intrínsecas para motivar polissemias, unir ou romper laços de significação, ocasionar contaminações, reduções e especializações de semas. Porém nem todas se manifestam produtivas em performance. A metáfora e a metonímia são as que mais contribuem para o surgimento de neologismos nos diversos níveis da língua, e aos quais o registo regional não constitui exceção. “Cú de galinha”, “erva cagona”, “erva do cadeado”, “erva do desinchaço”, “fel da terra”, “rabo de gato”, “tosse de cão” derivam de analogias entre os processos de cura e o meio circundante, perdendo ou ganhando semas na sua interinfluência, consoante os casos. Estas unidades impregnam-se de novos valores que contribuem para a harmonia entre a língua e a terra.

Levantámos nesta recolha alguns exemplos metonímicos: “negra” e “vida”. Não se verificou aqui uma redução ou especialização de semas, antes uma passagem de uma unidade para outra. No vocábulo “negra” a cor substitui a forma “vida”, o particular é definido pelo geral. Reiterando a liberdade de expressão e fuga à norma, tão evidenciada ao longo desta explanação, a língua da nossa região serve-

se de onomatopeias (“pó”) ou construções semelhantes (“pic-pic”) para criar “neologismos” que ainda hoje vogam na linguagem do povo, perante a indiferença dos dicionaristas.

Conclusão

Em guisa de conclusão, aventaremos que a língua desta região não pactua com todos os padrões estruturais e culturais que as nossas gramáticas e dicionários, diacrónica e sincronicamente, estabeleceram. No entanto, não se lhe pode negar a capacidade de ser original, simples e autossuficiente morfológica e semanticamente. Numa atitude constante de espontaneidade, em que o desvio à norma reflete criatividade e necessidade, este povo comunitário bebe nos meios postos à sua disposição as origens da sua forma de expressão. Alguns “neologismos” nascem de um ímpeto e têm frequentemente vida curta. Outros mantêm-se perenes e vivos nos nomes de plantas que adotaram apelidos, personificando-se: “catarina”, “carmelita”. Alguns são ainda o resultado da luta de uma cultura esmagada e ilegítima do ponto de vista dos lexicógrafos.

As trunçações, deformações e analogias, constituem os elementos de um jogo linguístico vital, nestas sociedades recônditas e marginalizadas. Os sons formam por vezes um imbróglis indecifrável, fruto do acasalamento articulatório de múltiplas palavras. Para o ouvinte comum este tipo de discurso nem sempre é coerente. É nossa opinião que conhecer a língua das nossas regiões, mesmo as mais inóspitas, é reintegrarmo-nos nas nossas origens linguísticas, caracterizadas por uma oralidade imaginativa e metafórica.

O homem, o animal, a natureza, o tempo, a profusão de cores, nomes e experiências são os *leitmotifs* instigadores da harmonia comunicativa. Tentámos aqui levantar um pouco o véu do ostracismo a que a esta língua está votada e transmitir o apelo de todos aqueles que, como nós, conhecem a riqueza destes espaços e destes tempos.

